

CONFLITO CULTURAL E ADAPTAÇÃO: A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE EM *O XARÁ*, DE JHUMPA LAHIRI

Célio Saraiva (UNIABEU)¹

RESUMO

Este artigo propõe a análise do romance *O Xará*, de Jhumpa Lahiri, considerando as personagens da primeira geração de migrantes da família Ganguli e focalizando o sentimento do imigrante em relação ao sentido de pertencimento. Será também analisada a questão do choque cultural. Para tanto, serão abordados os conceitos de cultura, diáspora e identidade, que nortearão a análise proposta.

PALAVRAS-CHAVE: imigração; cultura; pátria; identidade

A memória é uma espécie de esquecimento
recuperado pela linguagem
Milton Hatoum

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o processo de globalização tem diluído fronteiras. O trânsito de pessoas pelo mundo, intensificado na segunda metade do século XX, no período do pós-guerra, assume papel importante no intercâmbio entre culturas que caracteriza as relações sociais contemporâneas. Como sugere McGrew (1992), a globalização é responsável pelas travessias através das fronteiras nacionais, conectando pessoas de diferentes culturas e comunidades e combinando o viés de tempo-espaço. Por esta razão, Hall (1992) esclarece que a ã(...) globalização **tem** (grifo nosso) efeito sobre as identidades culturais.

O trânsito por novos lugares tornou-se matéria de criação literária, de modo que escritores imigrantes, através da literatura, registram o difícil processo de adaptação a outras culturas, as complexas relações com o outro, principalmente quando se trata do conflito entre oriente e ocidente, assim como a tentativa de manter intactas as raízes culturais e a memória da terra natal.

Este artigo propõe a análise de um romance de Jhumpa Lahiri, escritora descendente de bengaleses, que, embora nascida na Inglaterra e educada nos EUA, descreve com propriedade as tensões geradas pelo processo migratório, focalizando, em particular, as famílias de imigrantes indianos nos EUA.

¹ Trabalho realizado no âmbito do Laboratório Multidisciplinar de Estudos de Memória e Identidade, vinculado ao projeto ãTravessias do espaço, do tempo e da memória: representações do imigrante na literatura contemporânea.

O Xará de Jhumpa Lahiri narra a história de indianos que emigraram para os Estados Unidos e retrata a dificuldade de adaptação, a problemática do choque cultural e a luta pela manutenção da herança cultural.

Jhumpa Lahiri alcançou a fama com os livros de contos: **Interpreter of Maladies (Intérprete de males)**, que venceu o prêmio Pulitzer em 2000, e **Unaccustomed Earth (Terra descansada)** e um romance, **The Namesake (O Xará)**.

Segundo Gustavo Cohen:

A geração de Lahiri é conhecida, graças a críticos literários, como os ãnetos da meia-noite, homenagem alusiva ao livro **Midnight's Children** de Salman Rushdie, romance indiano em forma de parábola sombria da história da Índia pós-independência que rendeu a seu autor o distinto **Booker Prize** em 1981 e novamente em 1993, em uma versão especial do mesmo prêmio, atribuindo ao livro status de melhor romance britânico do último quarto de século. (COHEN, 2010, p.83).

1. RAÍZES CULTURAIS

Tomaremos por ponto de partida a definição de cultura. Diversos conceitos foram atribuídos à palavra, oriunda do latim *colere*, que significa ãcultivar, pois a cultura é estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras, e, em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de enfoques e usos particulares. Para Tyler, que formulou a primeira definição etnológica da cultura, ela se caracteriza por ãeste todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (TYLER, *apud* LARAIA, 2006, p.25).

No século XX, os estudos culturais se expandiram, deixando de serem analisados isoladamente, mas segundo outros critérios, como bem propõe Dias (2011): ã(...) termo 'cultura' necessariamente, se afastou das predefinições de cultura, para apontar para a análise das novas questões e reformulações. Como exemplo da diversificação e da ampliação dos estudos culturais, podem-se citar as análises identitárias.

Segundo Lévi-Strauss, ãnenhuma cultura se encontra isolada², assim, apesar do desejo de migrantes de primeira geração de manter sua herança cultural intacta, criando táticas para não serem influenciados pelo meio em que vivem, a interação social exige trocas culturais.

O movimento migratório está no âmbito dos estudos culturais, já que, a partir dos sentimentos, condutas e objetivos do imigrante, pode-se definir de que forma o choque cultural acontece e também esclarecer o que a memória da terra natal representa para o imigrante.

Giddens esclarece que:

Nas culturas tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo

² ãaucune culture n'est seule (Nossa tradução). Lévi-Strauss (1952)

qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p.37).³

O romance **O Xará** enfatiza bem, representado nas personagens, os dramas vividos por imigrantes de primeira geração em relação à cultura da pátria de pertencimento, bem como o próprio choque cultural e o processo de adaptação no novo território.

2. O SENTIMENTO DO IMIGRANTE

O Xará perpassa 32 anos e narra a história de uma família imigrantes de bengaleses que migraram para os Estados Unidos a fim de obter melhores opções de emprego e educação, um tipo de migração definida como *ôdiáspora* trabalhista por Anteby-Yemini e William Berthomière⁴(2005). A família Ganguli é formada por dois imigrantes vindos diretamente de Calcutá e seus dois filhos, nascidos e criados nos Estados Unidos.

Ao longo do romance, as experiências das personagens traçam bem a problemática do imigrante no exterior e seus desejos de preservar a herança étnica ou mesmo de renegar o antepassado e aderir à cultura de pertencimento como sua.

Aqui, a ênfase será dada aos imigrantes de primeira geração Ashima Ganguli, que opta por preservar a sua herança cultural, e Ashoke Ganguli, um estudante de engenharia, que opta pelos Estados Unidos pela grande possibilidade de conseguir um emprego e ter uma formação educacional que não teria na Índia.

O choque cultural se dá quando se entra em contato com uma nova cultura ao mesmo tempo em que sente a desorientação e a confusão de perder as informações culturais. Assim que chega à América, Ashima fica grávida de seu primeiro filho. Na maternidade, tudo é novo para ela, tanto o fato de ter um filho, quanto estar numa maternidade americana, por mais que para ela isso não soasse bem:

Queria que as cortinas estivessem abertas, para poder conversar com as mulheres americanas. Talvez uma delas tivesse tido filho antes, pudesse contar o que a esperava. Mas aprendeu que os americanos preferem mesmo é a privacidade, apesar das declarações públicas de afeto, apesar das minissaias e biquínis, apesar das mãos dadas na rua e de se deitarem um em cima do outro no Parque Público de Cambridge. (LAHIRI, 2003, p.12).

Alguns fatores relacionados à tradição de Ashima ecoavam em seu subconsciente e incomodavam-na quando se ela recordava de sua terra natal e de como sua família ancestral ficariam felizes se estivesse na Índia quando seu filho nascesse:

³ “In traditional cultures, the past is honoured and symbols are valued because they contain and perpetuate the experience of generations. Tradition is a mode of integrating the reflexive monitoring of action with the time-space organization of the community. It is a means of handling time and space, which inserts any particular activity or experience within the continuity of past, present, and future, these in turn being structured by recurrent social practices.” (Nossa tradução)

⁴ Estes autores definem esta busca por melhor qualidade vida como *labour diasporas* ó Diásporas trabalhistas.

õAshima pensa que é estranho seu filho nascer em um lugar em que a maioria das pessoas vai para sofrer ou morrerõ (LAHIRI, 2004, p.12).

Ashima Ganguli é a prova de que estar no estrangeiro não é uma tarefa fácil para um imigrante de países ainda bastante tradicionais. Como afirma Kakutani (1999), acerca da obra de Jhumpa Lahiri: õSuas histórias, de uma maneira geral, (...) evocam o complexo e conflituoso espírito dos indianos no mundo, e, especialmente, dos indianos nos Estados Unidosõ.

O tempo que Ashima Ganguli vive nos Estados Unidos, acrescido da insatisfação de ter tido um filho em terras õnão familiaresõ⁵, a faz sentir-se uma *outsider*:

Ashima (grifo meu) está começando a entender que ser estrangeira é uma espécie de gravidez para a vida toda ó uma espera perpétua, um peso constante, uma contínua indisposição. É uma responsabilidade permanente, um parêntese no que um dia foi a vida comum, só para descobrir que a vida anterior desapareceu, substituída por algo mais complicado e exigente. Como a gravidez, ser estrangeiro, Ashima acredita, é algo que desperta a mesma curiosidade de estranhos, a mesma combinação de piedade e respeito. (LAHIRI, 2004, p.64).

O contato com o estrangeiro faz com que Ashima se sentisse mais à margem que nunca. As situações e descobertas do cotidiano fazem com que essa sensação aumente: õAshima (...) ao sentar na beira da cama de Alan e Judy, ela deu um grito e caiu pra trás, perplexa ao descobrir que o colchão era cheio de águaõ (LAHIRI, 2004, p.44).

A cada nova surpresa, Ashima reage, dizendo: õSó na América (frase que ela começou a usar muito ultimamente)õ (p.87).

A qualidade de ser estrangeiro e o choque cultural são assim explicados por Zygmunt Bauman:

Quero acrescentar que isso significa que o estrangeiro tende a se encontrar na sua qualidade de estrangeiro, e possivelmente permanecerá estranho após o encontro ocasional, que termina tão abruptamente como começou. Os estrangeiros se encontram do modo que corresponde aos estrangeiros; uma reunião entre estrangeiros não se parece com uma reunião de parentes, amigos ou conhecidos ó é, comparativamente, um desacordo⁶. (BAUMAN, 2000, 103).

Há certos hábitos que não são extintos, mesmo em presença do contato com outras culturas. São traços que distinguem suas crenças e costumes, não podendo ser mudados.

Ashima precisava adaptar-se à nova condição, consequentemente o local de adoção teria que proporcionar aberturas para que ela pudesse viver sem sofrer alterações no seu eu cultural. Carreira (2012) argumenta que: õ(...) ao invés de mera assimilação à

⁵ Tradução de *Unaccustomed Earth*, livro de contos de Jhumpa Lahiri.

⁶ Quiero agregar que esto significa que los extraños tienen probabilidades de encontrarse en su calidad de extraños, y que posiblemente seguirán siendo extraños tras el ocasional encuentro que termina de modo tan abrupto como comenzó. Los extraños se encuentran de la manera que corresponde a los extraños; un encuentro entre extraños no se parece a un encuentro entre familiares, amigos o conocidos óes, comparativamente, un *desencuentro*. (Nossa tradução).

nova cultura, as minorias passam por um processo de integração que ocorre na forma de uma negociação, em via de mão dupla, com trocas culturais intensas. Esta negociação é um viés o qual Ashima utiliza como escape, como a situação que acontece a seguir enquanto Ashima está no hospital internada, prestes a dar luz a seu filho:

Trazem-lhe uma bandeja com suco de maçã morno, gelatina, sorvete e galinha assada fria. Patty, a enfermeira simpática de anel de noivado de diamante e uma franja de cabelo avermelhado debaixo da touca, diz para Ashima comer só a gelatina e o suco de maçã. O que é bom mesmo, porque Ashima não tocara na galinha, mesmo que fosse permitido: os americanos comem galinha com a pele, se bem que Ashima encontrou, não faz muito tempo, um açougueiro atencioso na rua Prospect que se dispõe a tirar a pele para ela. (LAHIRI, 2004, p.64).

Conforme Renan (1990) explica, o imigrante, de certa forma, deseja tornar perpétua a sua herança cultural. Ashima levou consigo à América todo o seu passado, e com medo de perder o sentido de pertencimento, de descentrar-se de seu lugar no mundo (HALL, 1992), por mais que esteja na América, que ela compreende como uma cultura totalmente antípoda à oriental, esforça-se para manter a sua herança cultural, sua identidade e, sobretudo, sua memória étnica.

A manutenção da herança cultural, segundo Carreira (2012) é reflexo da persistência dos laços culturais e estes não podem ser ignorados, apesar das experiências de integração no país de pertencimento.

Ashima e Ashoke Ganguli traçaram estratégias de manutenção da memória étnica. A fim de preservar os laços e recriar o seu lugar antropológico⁷, promoviam reuniões com bengaleses que também estavam nos Estados Unidos. Após o nascimento do bebê de Ashima, começam os encontros de fato:

Além do pai, o bebê recebe três visitas, todas bengalesas: a Maya e Dilip Nandi, um jovem casal de Cambridge que Ashima e Ashoke conheceram há alguns meses no supermercado Purity Supreme, e o dr. Gupta, um pós-doutorando de Dehradun, solteirão de seus cinquenta anos, de quem Ashoke ficou amigo nos corredores do MIT. (LAHIRI, 2004, p.35).

O romance demarca as diferenças não apenas nas roupas, nos costumes, mas também se reporta à culinária. Segundo a tradição indiana há certos alimentos impróprios para o consumo, por exemplo: qualquer derivado do boi. Ashima tinha que sobreviver em um lugar que em o consumo de *hamburger* faz parte do cotidiano.

Encontrar suprimentos indianos nos Estados Unidos tornou-se, com a modernidade tardia algo comum, devido ao fato de a globalização ter trazido consigo a mercantilização global ocidental. Segundo Hall (1992): Se quisermos provar as cozinhas exóticas de outras culturas em um único lugar, devemos ir comer em Manhattan, Paris ou Londres e não em Calcutá ou em Nova Delhi. O crescimento do mercado oriental no ocidente proporciona, em termos de troca cultural, esta facilidade de manter a tradição culinária em lugares tão diferentes culturalmente.

⁷ *Anthropological place* (termo original) criado por Marc-Augé em sua obra intitulada **Non-Places**: Introduction to an Anthropology of Supermodernity.

Para Ashima, durante a gravidez, isso fez a diferença:

Numa noite abafada de agosto, duas semanas antes da data prevista, Ashima Ganguli está na cozinha de um apartamento na praça Central, misturando em uma vasilha *Rice Krispies* com amendoins *Planters* e cebola vermelha picada. Acrescenta sal, suco de limão, fatias finas de pimenta chile verde, desejando que houvesse óleo de mostarda para colocar na mistura. Ashima vem consumindo esse preparo ao longo de toda a gravidez, modesta imitação de um petisco embrulhado em cones de jornal vendido por centavos nas calçadas de Calcutá e nas plataformas das estações de trem de toda a Índia. (LAHIRI, 2004, p.9).

A rememoração da terra natal, segundo Rushdie (2010), faz com que os imigrantes criem ficções e idealizem a pátria: *“ficções, não cidades ou vilas de verdade, mas invisíveis, pátrias imaginadas, Índias na imaginação”*⁸. E essa *“Índia”* imaginada é cultuada na casa dos Ganguli: *“Mais uma vez, ao empurrar Gogol em seu carrinho, Ashima foi abordada nas ruas de Cambridge por jovens bengaleses a perguntar timidamente de sua origem.”* (LAHIRI, 2004, p.51).

Outra estratégia da manutenção da memória, praticada pelos Ganguli era a manutenção de cerimônias, rotineiras em Calcutá. Segundo Bhabha (1994), *“o reflexo de traços culturais ou étnicos são (grifo meu) preestabelecidos inscritos na lápide fixa da tradição”*. Os bengaleses tinham o costume de fazer uma cerimônia chamada *annaprasan*, tradição mantida pelos Ganguli:

Em fevereiro, quando Gogol faz seis meses, Ashima e Ashoke já conhecem gente bastante para receber em grande escala. A ocasião: *annaprasan*, a cerimônia do arroz. Não se faz batismo de bebês bengaleses, não se atribui ritualmente nenhum nome aos olhos de Deus. Em vez disso, a primeira cerimônia formal da vida de um bebê gira em torno do consumo de alimento sólido. (LAHIRI, 2004, pp.51-52).

2.1. A INFLUÊNCIA DO MEIO: O OCIDENTE INTERFERINDO NAS PRÁTICAS DOS MIGRANTES DE PRIMEIRA GERAÇÃO

Quando Gogol Ganguli, filho de Ashima, sai de casa para viver sua vida na América, como um típico americano, Ashoke já havia morrido e, Ashima, depois de árduas situações de adaptação, inclusão social e de reencontros com seu eu dentro de uma sociedade ocidental, sente-se abalada psicologicamente.

Dentre todos os membros da família Ganguli, Ashima sempre fora a mais tradicional. Segundo Hall (1992), ninguém permanece etnicamente puro, culturalmente tradicional ou intocado até entrar em contato com as rupturas causadas pela modernidade tardia. Entretanto, a segunda geração dos Ganguli, Gogol e sua irmã, Sonia, passam por esse processo e fazem com que seus pais incorporem hábitos incomuns ou até proibidos aos indianos:

⁸ (...) *create fictions, not actual cities or villages, but invisible ones, imaginary homelands, Indias of the mind.* (Nossa tradução).

Sua garagem, como todas as outras, contém pás, tesouras de poda e um trenó. Compram uma churrasqueira para fazer *tandoori* na varanda no verão. Cada passo, cada aquisição, por menor que seja, exige deliberações, consultas aos amigos bengaleses. Existe diferença entre um rastelo de plástico e um de metal? O que é preferível, uma árvore de Natal natural ou artificial? Aprendem a assar peru no dia de Ação de Graças, embora temperado com alho, cominho e pimenta-de-caiena, e a pregar uma guirlanda na porta em dezembro, a enrolar um cachecol de lã no homem de neve, a tingir de roxo e rosa os ovos cozidos na Páscoa e escondê-los pela casa. Por causa de Gogol e Sonia, comemoram com ânimo cada vez maior o nascimento de Cristo, data que as crianças esperam muito mais que os ritos de Durga ou Saraswati. (LAHIRI, 2004, p.80).

Segundo Homi Bhabha:

a ã(...) ideia de uma identidade nacional pura, -eticamente purificadaã só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade [*nationhood*] moderna.ö (BHABHA, 1994, p.24).

Como visto, e também, por Homi Bhabha (1994), o ato migratório cria um espaço cultural híbrido e dificilmente o casal imigrante Ganguli conseguiria manter-se livre de influências ou do *American way of life*:

Ashoke e Ashima cedem também em outras coisas. Embora Ashima continue usando apenas sáris e sandálias de Bata, Ashoke, acostumado a usar calças de alfaiate e camisas a vida inteira, aprende a comprar roupas prontas. Troca as canetas-tinteiro por esferográficas, as lâminas Wilkinson e o pincel de pelo de porco por aparelhos de barbear Bic comprados em pacotes de meia dúzia. (LAHIRI, 2004, p.81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não tanto como Ashoke, Gogol ou Sonia, Ashima mostra um certo equilíbrio entre manter as raízes, as heranças étnicas e estar na América. Ao ir para América com seu marido, ela levou Calcutá consigo; impregnada nas suas roupas, nos costumes, no seu modo de vida em geral. Por várias vezes, pensou em voltar à Índia, mas não descartou suas obrigações de esposa e pôs-se fielmente ao lado do marido, que tinha uma maior capacidade de adaptação à vida no exterior. De certa maneira, Ashima entende ser louvável ceder em alguns pontos para o bem da família.

Jhumpa Lahiri nos mostra, em sua obra, os efeitos do meio abrindo certas fissuras nos costumes de indianos que migram para a América. Mostra também que o afeto familiar é a chave para a solução dos problemas de conflitos culturais e identitários. Através da literatura, ela retrata suas experiências enquanto migrante, resgatando valores culturais e negociando com a pátria adotada. A autora mostra os embates culturais, mas faz com que o leitor perceba que as personagens migrantes que cria sempre carregam dentro de si um pouco da Índia. O reencontro com o eu cultural é

dado através da construção da memória individual com a memória coletiva, conforme diz Carreira (2012):

O processo criativo de Lahiri deriva de uma memória étnica que é coletivamente construída, mas não efetivamente experimentada pelas gerações tardias de imigrantes, funcionando como uma memória de segunda mão. Ainda assim, os laços culturais persistem e não podem ser ignorados, apesar da integração ao país de adoção. O romance assume, assim, a feição de um ajuste de contas da autora com a sua identidade hifenada. (CARREIRA, 2012, p.91).

É por meio da escrita que Lahiri não apenas faz o seu ajuste de contas com a própria identidade, mas descortina ante os olhos do leitor a complexidade da vida do imigrante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTEBY-YEMINI, L.; BERTHOMIÈRE W. **Diaspora : A look back on a concept**. In: **Bulletin du Centre de recherche français à Jérusalem**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005: pp. 262-70.

AUGÉ, Marc. **Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity**. London & New York: Verso Books, 1995

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad Líquida**. Buenos Aires: Polity Press, 2000.

BHABHA, Homi. **The location of culture**. New York: Routledge, 1994.

CARREIRA, S.S.G. A representação da identidade em *õHell-Heavenö*, de Jhumpa Lahiri. **Soletras** (UERJ), v.23. n.4, p.81-92, 2012.

COHEN, Gustavo. Da intérprete de enfermidades às terras não familiares: a ficção de Jhumpa Lahiri. **Lumen et virtus**, v.1, n.2 , maio de 2010, pp.81-92.

DIAS, A.F. Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade. **Revista Fórum identidades**, Itabaiana, v.9, n.5, p.151-166, 2011.

GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

KAKUTANI, Michiko. Books of the Times: Liking America, but Longing for India. The New York Times. 6 ago. 1999. www.nytimes.com/1999/08/06/books/books-of-the-timesliking-america-but-longing-for-india.html Retrieved on: 2013-11-10.

LAHIRI, Jhumpa. **O xará**. Tradução de: José Rubens Siqueira- São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Interpreter of maladies**. New York: Houghton Mifflin, 1999.

_____. **Unaccustomed earth**. New York: Vintage, 2008.

_____. My two lives. **Newsweek**. <http://www.thedailybeast.com/newsweek/2006/03/05/mytwo-lives.html> . Retrieved on 2013-11-03.

LÉVI-STRAUSS, Levi. **Race et historie**. Paris: Unesco, 1987.

MCGREW, Anthony. **A global society?**. In: Stuart Hall; David Held and Tony McGrew. **Modernity and its futures**. Cambridge: Pility Press/Open University Press, 1992: 61-116.

MINZESHEIMER, Bob. Interview: http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2003-08-19-lahiri-books_x.htm. Retrieved on: 2013-11-02.

RENAN, Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation? Lecture at Sorbonne**. In: Discours et Conférences, Paris, Caiman-Levy, 1887: pp.277-310.

RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands**. London: Vintage, 2010.

SARAIVA, Celio. A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM ÕO XARÁö, DE JHUMPA LAHIRI. **Revista Alumni**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, pp.9-16, 2013.

Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/alu/article/view/1074>.

Retrieved on: 2013-11-10

TEIXEIRA, A. C. M. õTravessiaö e õUma vez na vidaö; uma busca pela identidade e pelo pertencimento. **Revista Alumni**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, pp.1-8, 2013.

THE UNIVERSITY OF COPENHAGEN. **Culture Shock?** Disponível em: <http://studies.ku.dk/welcome/living-in-copenhagen/health-and-safety/culture-shock/>.

Retrieved on: 2013-11-02

CULTURAL CONFLICT AND ADAPTATION: THE MAINTENANCE OF IMMIGRANT IDENTITY IN ÕTHE NAMESAKEö, BY JHUMPA LAHIRI

ABSTRACT

This article aims the analysis of the novel **The Namesake**, by Jhumpa Lahiri, considering the characters of first generation of migrants of Ganguliø family and focusing on immigrant sentiment in relation to the belonging homeland, analyzing the cultural shock suffered related to uncommon situations in them point of view. For this purpose, it will be explored concepts about culture, diaspora and identity, in order to illustrate the propose content.

KEY-WORDS: immigration; culture; homeland; identity